

LIVRO 7 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT
JORDAN
UMA COROA
DE ESPADAS



"COM *A RODA DO TEMPO*, JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times



ROBERT
JORDAN

UMA COROA
DE ESPADAS

LIVRO 7 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE
MARIANA SERPA E
RAFAEL MIRANDA RODRIGUES

intrínseca



Copyright © 1993 by Robert Jordan

Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associated Inc.

“The Wheel of Time®”, “The Fires of Heaven™” e o símbolo da roda/cobra são marcas registradas pertencentes a Robert Jordan.

Assegurados os direitos morais do autor.

TÍTULO ORIGINAL

A Crown of Swords

EDIÇÃO

Flora Pinheiro

COPIDESQUE

Rayssa Galvão

Beatriz D'Oliveira

REVISÃO

Lais Franco

IMAGEM DA RODA DO TEMPO

© Sam Weber

COURO

© Duncan P. Walker/iStockphoto

IMAGEM DA FOLHA DE ROSTO

Shutterstock.com

MAPA

Ellisa Mitchell

ADAPTAÇÃO DO MAPA

ô de casa

REVISÃO DE E-BOOK

Carolina Andrade

Maria Fernanda Slade

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-65-5560-315-6

Edição digital: 2021

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

 intrinseca.com.br

 [@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)

 [editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)

 [@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)

 [@intrinseca](https://www.tiktok.com/@intrinseca)

 [intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

SUMÁRIO

[\[AVANÇAR PARA O INÍCIO DO TEXTO\]](#)

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

MÍDIAS SOCIAIS

Sumário

DEDICATÓRIA

EPÍGRAFE

MAPA

PRÓLOGO: RAIOS

1 ALTA CHASALINA

2 O QUINTAL DO AÇOUGUEIRO

3 COLINA DA AURORA DOURADA

4 CAIRHIEN ADENTRO

5 UMA COROA PARTIDA

6 VELHO MEDO, NOVO MEDO

7 ARAPUCAS E ARMADILHAS

8 A TESTA DE FERRO

9 DUPLA DE LÚCIOS

10 OLHOS OCULTOS

11 UM JURAMENTO

- 12 UMA MANHÃ VITORIOSA
- 13 A TIGELA DOS VENTOS
- 14 PLUMAS BRANCAS
- 15 INSETOS
- 16 UM TOQUE NA BOCHECHA
- 17 O TRIUNFO DA LÓGICA
- 18 QUANDO O ARADO QUEBRA A TERRA
- 19 DIAMANTES E ESTRELAS
- 20 PADRÕES DENTRO DE PADRÕES
- 21 A NOITE DE SWOVAN
- 22 PEQUENOS SACRIFÍCIOS
- 23 ALGUÉM A TECER NA CASA AO LADO
- 24 A CONFRARIA
- 25 ARMADILHA MENTAL
- 26 AS PALAVRAS IRREVOGÁVEIS
- 27 ESTAR SOZINHO
- 28 PÃO E QUEIJO
- 29 O FESTIVAL DOS PÁSSAROS
- 30 A PRIMEIRA XÍCARA
- 31 *MASHLARA*
- 32 SELADO À CHAMA
- 33 UM BANHO
- 34 *TA'VEREN*
- 35 FLORESTA ADENTRO

36 LÂMINAS

37 UM BILHETE DO PALÁCIO

38 SEIS HISTÓRIAS

39 PROMESSAS A CUMPRIR

40 LANÇAS

41 UMA COROA DE ESPADAS

GLOSSÁRIO

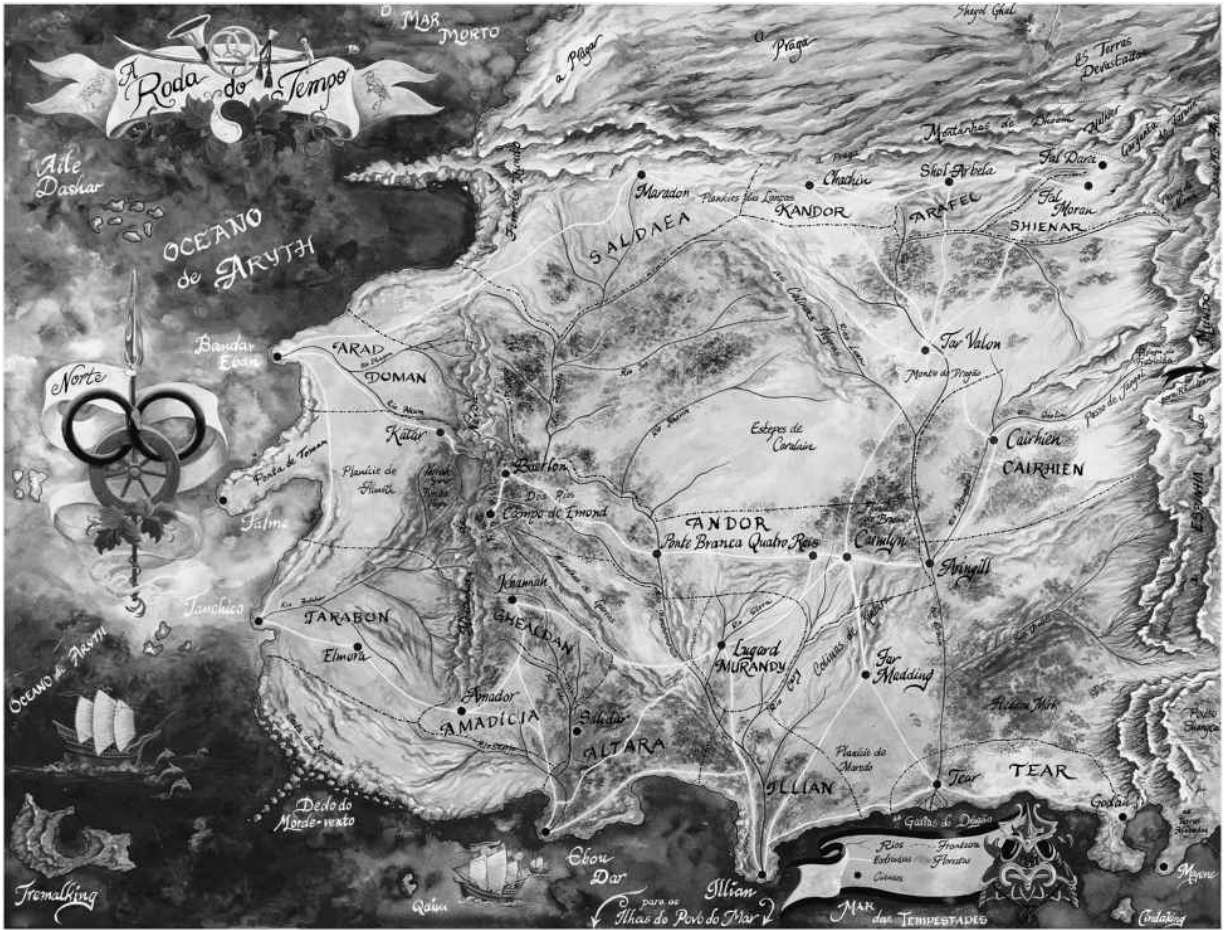
SOBRE O AUTOR

LEIA TAMBÉM

Para Harriet, que, mais uma vez, merece o crédito.

Não pode haver saúde em nós, nem nada de bom pode crescer, pois a terra é uma com o Dragão Renascido, e ele é um com a terra. Alma de fogo, coração de pedra, conquista com orgulho, forçando os orgulhosos a se renderem. Conclama as montanhas a se ajoelharem, os mares a abrirem passagem, os próprios céus a se curvarem. Rogai para que o coração de pedra recorde as lágrimas, e a alma de fogo, o amor.

(trecho da mui controversa tradução de *As Profecias do Dragão* da poeta Kyera Termendal, de Shiota, supostamente publicada entre 700 AL e 800 AL)



PRÓLOGO



RAIOS

Da alta janela em arco, a quase oitenta braças de distância do chão, pertíssimo do topo da Torre Branca, Elaida via muitas milhas para além de Tar Valon, via até as planícies ondulantes e florestas à margem do vasto Rio Erinin, que descia do norte e do oeste antes de se dividir ao redor das muralhas brancas da imensa cidade-ilha. No chão, a cidade devia estar toda salpicada pelas compridas sombras matinais, mas, lá daquela altura, tudo parecia límpido e cristalino. Nem as lendárias “torres sem fim” de Cairhien eram páreo para a Torre Branca — assim como nenhuma das torres menores de Tar Valon, naturalmente, apesar de tudo o que se falava a respeito daquelas construções, com suas pontes cortando os céus.

Lá daquela altura, a brisa quase constante amainava o calor surreal que açoitava o mundo. Passado o Festival das Luzes, a neve já deveria ter coberto todo o chão, mas o clima permanecia arraigado em um verão tórrido. Mais um indício de que a Última Batalha estava próxima e de que o mundo estava sob o toque do Tenebroso, se é que ainda precisavam de mais indícios para ter certeza. Claro que Elaida não se deixava afetar pelo calor, mesmo quando descia. Não fora pela brisa que se mudara para aqueles aposentos mais simples ali de cima, a despeito da inconveniência da enorme escadaria.

Os azulejos lisos em tom de ferrugem e as paredes de mármore branco decoradas por algumas tapeçarias não se comparavam ao esplendor do gabinete e

dos aposentos da Amyrlin. Elaida às vezes ainda usava algumas daquelas salas, já que carregavam muitas associações com o poder do Trono de Amyrlin, mas era ali que residia e onde quase sempre trabalhava. A mudança fora pela vista. Mas não a vista da cidade, dos rios ou das florestas. A vista do que pouco a pouco tomava forma entre os muros da Torre. Ali, no que outrora fora o pátio de treinamento dos Guardiões, havia grandes escavações, alicerces assentados, compridos grous de madeira e pilhas de mármore e granito. Pedreiros e operários fervilhavam feito formigas em meio à obra, e um fluxo infinito de carroções entrava e saía pelos portões da Torre, trazendo mais pedras. Em um dos cantos ficava um “modelo de trabalho”, como os pedreiros chamavam; era uma miniatura da construção toda de madeira, mas grande o bastante para que os homens entrassem, agachados, e observassem cada detalhe, definindo o ponto exato onde assentar cada pedra. A maioria dos operários não sabia ler, não importava se fossem palavras ou os esboços dos pedreiros. O “modelo” era tão grande quanto algumas mansões.

Se qualquer rei ou rainha tinha direito ao próprio palácio, por que o Trono de Amyrlin deveria ser relegado a aposentos só um pouco melhores que os das tantas irmãs comuns? Ah, mas o palácio que mandara construir faria frente ao esplendor da Torre Branca, com um pináculo imenso, dez braços maior que a própria Torre. O pedreiro-mestre empalidecera ao ouvir aquilo. A Torre tinha sido construída pelos Ogier e com a ajuda do Poder manejado pelas irmãs. No entanto, bastara uma olhada para o rosto de Elaida e o Mestre Lerman pôs-se a fazer medidas e gaguejar que tudo seria feito como ela desejasse, claro, claro. Como se houvesse dúvida.

Elaida apertou os lábios, exasperada. Tentara dispor outra vez dos pedreiros Ogier, mas eles por algum motivo estavam confinados em seus *pousos*. Quando convocou o mais próximo, o Pouso Jentoin, nas Montanhas Negras, a resposta foi uma recusa. Uma resposta educada, porém ainda assim uma recusa ao Trono de Amyrlin, e sem a menor explicação. Os Ogier eram reclusos, para dizer o

mínimo. Ou talvez estivessem se afastando daquele mundo tumultuado. Eles sempre se mantinham apartados das contendas humanas.

Elaida tirou os Ogier de vez da cabeça. Orgulhava-se de saber separar o possível do impossível. Os Ogier eram uma trivialidade. Só o que tinham no mundo eram as cidades construídas tanto tempo antes, lugares que raramente visitavam, exceto para fazer restauros.

Os homens lá embaixo, apinhados feito insetos no pátio de construção, a fizeram franzir o cenho de leve. A construção avançava a passos lentos. Os Ogier estavam fora de cogitação, tudo bem, mas talvez pudessem voltar a usar o Poder Único na obra. Poucas irmãs tinham força de verdade na urdidura de Terra, mas não era preciso grandes feitos para reforçar ou unir pedras. Sim... Já imaginava o palácio acabado, com seus corredores de colunatas e grandes domos reluzentes, cheio de ouro, com o pináculo a tocar os céus... ergueu outra vez os olhos para o firmamento límpido onde o topo do pináculo se avultaria e soltou um longo suspiro. Sim. Emitiria as ordens naquele mesmo dia. O enorme relógio de pé na sala atrás dela bateu a Terceira Aurora, e os gongos e sinos na cidade também badalaram, o som chegando fraco naquela torre tão elevada. Elaida se afastou da janela com um sorriso, alisando o vestido de seda creme com listras vermelhas e ajeitando a larga estola listrada do Trono de Amyrlin que levava nos ombros.

No relógio coberto de douraduras, algumas estatuetas de ouro e prata laqueadas se moviam junto dos sinos. Em um dos vários patamares, Trollocs com chifres e focinhos de bicho fugiam de uma Aes Sedai envolta em capa; em outro, um falso Dragão tentava desviar de raios obviamente enviados por uma segunda irmã. Bem no meio do relógio, logo acima da cabeça de Elaida, um rei e uma rainha coroados ajoelhavam-se diante do Trono de Amyrlin, com sua estola esmaltada. Um arco dourado se avultava acima da representação da Amyrlin, ostentando a Chama de Tar Valon entalhada em uma grande pedra-da-lua.

Elaida não era muito afeita a risadas, mas não pôde evitar uma risadinha de satisfação quando olhou o relógio. Cemaile Sorenthaine, que fora elevada das irmãs Cinza, encomendara aquela peça sonhando com um retorno aos tempos de antes das Guerras dos Trollocs, quando nenhum governante era empossado sem aprovação da Torre. Os grandes planos de Cemaile tinham sido reduzidos a pó, assim como ela própria, e o relógio passara três séculos em um depósito empoeirado, como uma vergonha que ninguém ousava exhibir. Até a chegada de Elaida. Ah, a Roda do Tempo girava. O que fora uma vez podia voltar a ser. E voltaria.

O relógio de pé combinava bem com as portas da sala de estar, a do dormitório e a da sala de vestir, que ficavam mais adiante. Lindas tapeçarias coloridas de Tear, Kandor e Arad Doman, com bordados em fios de ouro e prata, cintilavam entre outras peças, essas apenas tingidas, cada uma pendurada exatamente defronte seu par. Elaida sempre gostara de ordem. O carpete que cobria quase todo o chão de azulejos vinha de Tarabon, com padronagens em verde, vermelho e dourado — carpetes de seda eram artigos preciosos. Em cada quina do aposento, um plinto de mármore com entalhes verticais despretensiosos sustentava um vaso branco da frágil porcelana do Povo do Mar, cada um com duas dúzias de rosas vermelhas dispostas em arranjos muito cuidadosos. Precisara do Poder Único para florescer as rosas, sobretudo com a seca e o calor, mas Elaida achava que era um bom uso do Poder. Entalhes dourados revestiam a única cadeira do aposento — *ninguém* mais se sentava na presença dela — e a escrivaninha, mas os móveis ainda assim mantinham o estilo austero de Cairhien. Era um aposento simples, com pé-direito de no máximo duas braças, mas estava de bom tamanho até que o palácio estivesse pronto. Com a vista, estava de bom tamanho.

Elaida se sentou, a Chama de Tar Valon encrustada de pedras-da-lua no espaldar alto avultava-se por sobre sua cabeleira escura. Nada estragava a perfeição da superfície da mesa, exceto por três caixas de laca altarana dispostas em perfeita

ordem. A mulher abriu a caixinha com desenhos de gaviões dourados em meio a nuvens brancas, de onde tirou uma fina tira de papel de uma pilha de informes e correspondências. Pelo que talvez fosse a centésima vez, leu a mensagem que chegara de um pombo de Cairhien, doze dias antes. Poucas na Torre sabiam daquela missiva, e ninguém além dela sabia do conteúdo — se soubesse, não teria a mais vaga ideia do que significava. Ela quase riu de novo, só de pensar.

O anel foi colocado no nariz do touro. Espero uma ida agradável ao mercado.

Não havia assinatura, mas não precisava. Aquela mensagem gloriosa só poderia ter vindo de Galina Casban. A mulher em quem Elaida confiava para fazer o que não confiaria que mais ninguém além dela mesma poderia conseguir. Não que confiasse plenamente em qualquer outra pessoa, mas sua consideração pela líder da Ajah Vermelha era maior do que por qualquer outra Aes Sedai. Afinal, ela própria fora elevada dentre as Vermelhas. Sob muitos aspectos, ainda se considerava Vermelha.

O anel foi colocado no nariz do touro.

Rand al'Thor, o Dragão Renascido, o homem que parecera prestes a tragar o mundo, o homem que tragara até demais do mundo... Rand al'Thor estava blindado e sob o controle de Galina. E ninguém que pudesse ajudá-lo sabia. Se houvesse a menor chance de que soubessem, a mensagem teria sido diferente. A julgar pelas diversas missivas anteriores, parecia que o rapaz redescobrira como Viajar, um Talento que as Aes Sedai tinham perdido desde a Ruptura. Mas nem isso o salvara — na verdade, acabara sendo vantajoso para Galina. Ao que parecia, o rapaz tinha o hábito de ir e vir sem avisar. Quem suspeitaria que, desta vez, em vez de sair, Rand fora capturado? Elaida emitiu um som muito similar a uma risadinha.

Dali a mais uma semana, no máximo duas, al'Thor estaria na Torre, para ser vigiado de perto e conduzido em segurança a Tarmon Gai'don, impedido de devastar o mundo. Era loucura deixar qualquer homem capaz de canalizar à solta, mas sobretudo o homem que, segundo a profecia, enfrentaria o Tenebroso na Última Batalha — o que quisesse a Luz que ainda levaria muitos anos, apesar dos sinais do clima. Precisariam de anos para organizar o mundo de vez, a começar por desfazer os feitos de al'Thor.

Naturalmente, os prejuízos que o rapaz causara não eram nada em comparação ao que poderia ter provocado, se tivesse operado solto. Isso sem mencionar a possibilidade de ele acabar morto antes da hora. Bom, aquele moleque inoportuno poderia ser restringido e contido feito uma criança nos braços da mãe, mantido em segurança até a hora de levá-lo a Shayol Ghul. Depois disso, se sobrevivesse...

Elaida apertou os lábios. As Profecias do Dragão pareciam afirmar que al'Thor não sobreviveria, o que inegavelmente seria melhor.

— Mãe? — Elaida quase levou um susto ao ouvir a voz de Alviarin. A mulher entrara sem nem bater! — Trago notícias das Ajahs, Mãe.

Alviarin, esguia e de feições impassíveis, usava a estola estreita da Curadora em branco, combinando com o vestido, mostrando que fora elevada pelas Brancas. Saindo de sua boca, “Mãe” soava mais como um tratamento a uma igual do que um indicativo de respeito.

A presença de Alviarin era suficiente para destruir o bom humor de Elaida. Ter uma Curadora das Crônicas elevada das Brancas, não das Vermelhas, era sempre um lembrete mordaz de sua própria fraqueza quando assumiu o Trono. Era verdade que os problemas tinham diminuído um pouco, porém não completamente. Elaida já estava farta daquela sensação de arrependimento por possuir poucos olhos-e-ouvidos fora de Andor. E ainda mais considerando a fuga de sua predecessora e da de Alviarin. As duas ainda por cima tinham recebido

ajuda interna — só podiam ter recebido ajuda! As duas tinham fugido antes que as chaves para a grande rede de olhos-e-ouvidos da Amyrlin fossem arrancadas à força de suas mãos.

Elaida desejava com fervor a rede que era sua por direito. Havia a forte tradição de que as Ajahs compartilhassem com a Amyrlin, por intermédio da Curadora, o pouco do que tiravam de seus olhos-e-ouvidos que estavam dispostas a compartilhar, mas Elaida estava convencida de que a Curadora estava escondendo até mesmo esse tantinho de informações. Ainda assim, não podia tentar se informar diretamente com as Ajahs. Já era ruim demais estar politicamente fraca, mesmo sem sair implorando migalhas para o resto do mundo — na verdade para a Torre, que era a parte do mundo que de fato importava.

Elaida manteve a expressão tão impassível quanto a da Curadora, reconhecendo sua presença com um mero aceno de cabeça enquanto fingia examinar os papéis da caixa laqueada. Virou-os devagar, um por um, e devolveu-os à caixa sem ler uma só palavra. Fazia Alviarin esperar por pura amargura, uma atitude mesquinha, mas só tinha a mesquinhez como arma contra aquela que deveria ser sua serviçal.

Na teoria, uma Amyrlin podia emitir qualquer decreto que desejasse, e sua palavra era lei. Na prática, entretanto, muitos desses decretos seriam desperdício de papel e tinta sem o apoio do Salão da Torre. Nenhuma irmã desobedeceria a uma Amyrlin, pelo menos não diretamente, porém muitos decretos tinham implementação condicionada a centenas de outras regulamentações. Levava tempo, mesmo em condições favoráveis; em certos casos, precisava de tanto tempo que a coisa acabava nunca acontecendo. E as condições estavam longe de ser favoráveis.

Alviarin permaneceu ali, plácida feito um lago congelado. Elaida fechou a caixa de laca altarana, deixando de fora a tira de papel que anunciava a certeza de sua vitória. Em um gesto inconsciente, correu os dedos pelo papel, seu talismã.

— Teslyn ou Joline enfim se dignaram a enviar qualquer coisa além de um aviso de que chegaram em segurança?

Falou aquilo com a intenção de lembrar a Alviarin que ninguém podia se considerar imune. Ninguém ligava para o que acontecia em Ebou Dar, e Elaida menos ainda. A capital de Altara poderia ser tragada pelo mar, que nem a própria Altara perceberia, à exceção dos mercadores, claro. No entanto, Teslyn ocupara o Salão por quase quinze anos antes de Elaida ordenar sua renúncia à cadeira. Se podia despachar uma Votante — Votante *Vermelha* e que apoiara a sua ascensão — como representante diplomática de um reino insignificante sem qualquer motivo aparente além dos rumores que circulavam por aí, poderia reprimir qualquer um. Com Joline, a coisa era diferente. A Votante representara as Verdes por apenas algumas semanas, e era consenso que a Ajah a escolhera apenas para mostrar que não se acovardariam diante da nova Amyrlin — que respondera com uma punição espantosa. Naturalmente, Elaida não poderia permitir nem aquele mínimo de insolência. E não permitira. O que também era do conhecimento geral da Torre.

O comentário tivera a intenção de lembrar Alviarin da própria vulnerabilidade, mas a mulher esguia apenas abriu um sorriso frio. Enquanto o Salão permanecesse como estava, a mulher *era mesmo* imune. Alviarin folheou os papéis que tinha nas mãos e selecionou um.

— Não, Mãe, nenhuma linha de Teslyn nem de Joline, mas, com as notícias que a senhora recebeu dos tronos... — O sorriso se alargou, já quase ultrapassando a fronteira perigosa da satisfação. — Todos pretendem testar as próprias asas, ver se a senhora é tão forte quanto... sua predecessora.

Até Alviarin era sensata o bastante para não pronunciar o nome de Sanche na presença de Elaida. Porém era verdade: todos os reis e rainhas, até os nobres inferiores, pareciam estar testando os limites do poder da nova Amyrlin. Elaida tinha que dar exemplos.

Alviarin prosseguiu, examinando o papel:

— No entanto, chegou uma notícia de Ebou Dar. Veio das Cinza. — Será que a mulher enfatizara aquilo para cravar ainda mais fundo a farpa que apresentava? — Parece que Elayne Trakand e Nynaeve al'Meara estão por lá, se passando por irmãs plenas, com a bênção da... *missão diplomática* rebelde para a Rainha Tylin. Outras duas, não identificadas, talvez estejam fazendo o mesmo. A lista das seguidoras rebeldes está incompleta. Talvez sejam só acompanhantes. As Cinza não têm certeza.

— Por que, sob a Luz, elas estariam em Ebou Dar? — perguntou Elaida, com desdém. Decerto Teslyn teria informado *isso*. — As Cinza devem estar transmitindo apenas boatos. Segundo a mensagem de Tarna, as moças estão com as rebeldes em Salidar.

Tarna Feir também relatara a presença de Siuan Sanche por lá. E de Logain Ablar, que espalhava aquelas mentiras odiosas que nenhuma irmã Vermelha podia se rebaixar a validar, muito menos a negar. Se aquela obscenidade não tinha a mão da tal Sanche, o sol passaria a nascer no oeste. Por que a mulher não tinha simplesmente se arrastado até um buraco e morrido feito outras estancadas, como era decente?

Elaida precisou se concentrar para não respirar fundo. Logain seria enforcado sem alarde assim que lidasse com aquelas rebeldes. O mundo quase inteiro já achava que o homem estava morto havia muito tempo. A acusação de que a Ajah Vermelha armara para firmá-lo como falso Dragão morreria com ele. Quando desse cabo das rebeldes, forçaria a tal Sanche a entregar a chave de acesso aos olhos-e-ouvidos da Amyrlin. E a nomear as traidoras que tinham ajudado na fuga. Era uma esperança tola desejar ver o nome de Alviarin entre o das traidoras.

— Não consigo imaginar aquela al'Meara correndo até Ebou Dar alegando ser Aes Sedai, que dirá Elayne. Você consegue?

— A senhora de fato ordenou que Elayne fosse localizada, Mãe. A senhora disse que era tão importante quanto botar al'Thor na coleira. Quando a garota estava junto das trezentas rebeldes de Salidar, era impossível fazer qualquer coisa. Mas ela não estará tão protegida no Palácio Tarasin.

— Não tenho tempo para boatos e fofocas. — Elaida proferiu cada palavra com desprezo. Alviarin sabia mais do que devia, mencionando al'Thor? — Sugiro que releia o relatório de Tarna depois reflita se alguma Aes Sedai permitiria que Aceitas fingissem usar o xale, mesmo as *rebeldes*.

Alviarin esperou pacientemente que ela terminasse, então voltou a examinar a pilha de papéis, puxando mais quatro folhas.

— O agente Cinza enviou esboços — disse, com a voz branda, estendendo as folhas. — O homem não é nenhum artista, mas dá para reconhecer Elayne e Nynaeve. — Então, logo em seguida, diante da imobilidade de Elaida, guardou os desenhos junto aos outros papéis.

A Amyrlin sentiu o rosto tomado pela cor da raiva e do constrangimento. Alviarin a ludibriara de propósito, sem querer exhibir os esboços logo de início. Ignorou a provocação — qualquer reação causaria ainda mais constrangimento —, mas deixou a voz gélida:

— Quero que sejam capturadas e trazidas até mim.

A falta de curiosidade no rosto da Curadora fez Elaida voltar a pensar no quanto a mulher sabia do que não deveria saber. A garota al'Meara era da mesma aldeia de al'Thor, e poderia muito bem fornecer um meio de controlar o rapaz. Todas as irmãs sabiam disso, assim como sabiam que Elayne era Filha-herdeira de Andor e que sua mãe estava morta. Os vagos rumores que ligavam Morgase aos Mantos-brancos eram uma bobagem sem tamanho, posto que a mulher jamais teria pedido ajuda aos Filhos da Luz. Morgase estava morta, não deixara nem sequer um cadáver para trás, e Elayne seria Rainha. Isso se fosse tirada das rebeldes antes que as Casas Andorianas pusessem Dyelin no Trono do Leão. Porém, não

era de conhecimento geral o que tornava Elayne mais importante que qualquer nobre com forte direito ao trono — além, naturalmente, do fato de que um dia seria Aes Sedai.

Elaida às vezes apresentava Previsões, um Talento que muitos julgavam perdido antes de ela chegar. Muito tempo antes, a mulher Previra que a Casa Real de Andor possuía a chave para a vitória da Última Batalha. Mais de vinte e cinco anos tinham se passado, e tão logo ficou claro que Morgase Trakand teria direito ao trono por Sucessão, Elaida havia se grudado à Elayne, que na época ainda era uma menina. Ainda não sabia como Elayne teria um papel crucial, mas a Previsão nunca falhava. Às vezes ela quase odiava aquele Talento. Odiava tudo o que não era capaz de controlar.

— Quero as quatro, Alviarin. — As outras duas não tinham muita importância, claro, mas não queria se arriscar. — Mande a ordem a Teslyn imediatamente. Diga a ela e a Joline que, se não mandarem informes regulares de agora em diante, vão desejar nunca ter nascido. E inclua nisso as informações vindas da tal Macura. — Elaida comprimiu os lábios ao mencionar aquela última.

O nome também fez Alviarin se remexer, desconfortável — o que não era de se espantar. A infusão hedionda de Ronde Macura incomodava qualquer irmã. Raiz-dupla não era letal — pelo menos a pessoa acordava, mesmo que bebesse o suficiente para apagar —, mas um chá que matava a habilidade de uma mulher de canalizar parecia uma arma muito direcionada às Aes Sedai. Pena que a informação só tivesse sido recebida depois da partida de Galina; se a infusão causasse nos homens o mesmo efeito que parecia causar nas mulheres, a tarefa dela teria sido consideravelmente mais fácil.

A inquietação de Alviarin durou apenas um breve instante; no momento seguinte, a mulher já recobrou o autocontrole e parecia inflexível feito uma muralha de gelo.

— Como desejar, Mãe. Tenho certeza de que vão se apressar em obedecer, como deveriam.

Um súbito lampejo de irritação corroe Elaida feito fogo em pasto seco. O destino no mundo em suas mãos, e pedrinhas insignificantes teimavam em surgir sob seus pés. Já era ruim o bastante ter que lidar com rebeldes e governantes recalcitrantes, mas ainda havia muitas Votantes tramando e mostrando os dentes por suas costas, criando um terreno fértil para que essas outras mulheres plantassem suas ideias. Apenas seis das Votantes permaneciam em suas mãos, e Elaida suspeitava que pelo menos o mesmo número desse plenos ouvidos a Alviarin. Era certo que nada de importante passava pelo Salão sem a anuência de Alviarin — não como um acordo franco, nem havia qualquer validação de que Alviarin detivesse a menor fração de influência ou poder além do normal para uma Curadora, mas se ela se opusesse a alguma medida... pelo menos o Salão ainda não chegara a ponto de recusar uma ordem de Elaida. Apenas protelavam as decisões e com muita frequência deixavam de lado o que ela pleiteava. Uma pequeníssima coisa pela qual se alegrar, pois muitas Amyrlins tinham se tornado meras marionetes tão logo o Salão adquiria gosto em rejeitar suas propostas.

Elaida cerrou os punhos, produzindo um leve estalido na folha de papel.

O anel foi colocado no nariz do touro.

Alviarin parecia rígida feito uma estátua de mármore, mas Elaida já não se incomodava. O pastor estava vindo para ela. As rebeldes seriam aniquiladas, o Salão se acovardaria, Alviarin seria forçada a se ajoelhar, e cada governante rebelde seria colocado de volta na linha, de Tenobia a Saldaea, que se escondera para evitar a emissária da Torre, até mesmo Martin Stepaneos de Illian, que estava mais uma vez tentando jogar de todos os lados, entrando em acordos com ela e com os Mantos-brancos — e, até onde Elaida sabia, até mesmo com al'Thor. Elayne seria colocada no trono de Caemlyn, sem o irmão para atrapalhar e com pleno

conhecimento de quem a pusera lá. Em pouco tempo depois que voltasse à Torre, a garota viraria barro mole nas mãos da Amyrlin.

— Quero *aqueles homens* exterminados, Alviarin. — Não havia necessidade de dizer a quem se referia; metade da Torre não falava de nada além *daqueles homens* e de sua *Torre Negra*, e a outra metade cochichava sobre eles pelos cantos.

— Recebemos relatórios perturbadores, Mãe.

Alviarin tornou a olhar os papéis, mas Elaida achou que era só para ter o que fazer com as mãos. A mulher não pegou mais nenhuma folha, e, ainda que nada mais a perturbasse por muito tempo, aquele monte de esterco desgraçado nos arredores de Caemlyn deveria causar alguma reação.

— *Mais* rumores? Está acreditando nas histórias de que milhares andam debandando para Caemlyn em resposta àquela *anistia obscena*?

Não era o menor dos feitos de al'Thor, mas também não era motivo para preocupação. Só mais uma imundície que precisava ser completamente limpa antes da coroação de Elayne em Caemlyn.

— É claro que não, Mãe, mas...

— Toveine vai assumir a liderança; esta tarefa é mais adequada às Vermelhas.

Toveine Gazal passara quinze anos afastada da Torre, até que Elaida a convocara de volta. As outras duas Votantes Vermelhas que tinham renunciado e partido para um retiro “voluntário” ao mesmo tempo tinham virado mulheres de olhar nervoso, mas, ao contrário de Lirene e Tsutama, Toveine só endurecera durante o exílio solitário.

— Ela vai levar cinquenta irmãs. — Não devia haver mais de dois ou três homens de fato capazes de canalizar naquela *Torre Negra*, Elaida tinha certeza. Cinquenta irmãs não teriam dificuldade em sobrepujá-los. Ainda assim, teriam que dar conta dos outros. Parasitas, seguidores de exércitos, idiotas cheios de esperanças fúteis e ambições insanas. — E irá acompanhada de cem... não, de duzentos homens da Guarda.

— Tem certeza de que é uma decisão sensata? Os rumores sobre centenas deles sem dúvida são loucura, mas um agente das Verdes em Caemlyn afirma que tem mais de quatrocentos homens nessa Torre Negra. É um sujeito astuto. Parece que contou os carroções de suprimentos que deixavam a cidade. E a senhora está ciente dos rumores de que Mazrim Taim também está por lá.

Elaida fez um esforço para manter a expressão serena e quase falhou. Proibira a menção ao nome de Taim e se amargava por *não ousar* impor uma pena a Alviarin. *Não ousava!* A mulher a encarou bem nos olhos, e a ausência de um simples “Mãe” perfunctório ficou marcada. E a *audácia* de perguntar se a decisão de Elaida era *sensata!* Ela era o Trono de Amyrlin! Não era a principal entre iguais; era o Trono de Amyrlin!

Abriu a maior caixa laqueada, revelando miniaturas entalhadas em marfim, organizadas sobre um veludo cinza. Em geral, bastava manusear a coleção para que se acalmasse, mas ia além disso: tal e qual os trabalhos de tricô pelos quais tinha tanto apreço, as figuras punham os interlocutores em seus devidos lugares quando ela deixava de ouvir o que tinham a dizer para dar atenção às miniaturas. Correu os dedos por uma delicada estatueta de um gato esguio e lânguido, então por uma mulher bem elaborada usando vestido, com um animalzinho peculiar acorado nos ombros — mais parecia um homem coberto de pelos, decerto uma fantasia do artista. Depois de um longo tempo, escolheu um peixe curvado, de entalhes tão delicados que parecia quase real, a despeito do amarelado do marfim já antigo.

— Quatrocentos populares, Alviarin. — Elaida já se sentia mais calma vendo que a Curadora estreitara os lábios. Tinha sido só um tantinho, mas iria saborear qualquer desmonte na expressão daquela mulher. — Isso se chegar a tanto. Só um idiota acreditaria que mais de um ou dois são capazes de canalizar. No máximo! Em dez anos, encontramos apenas seis homens com a habilidade. Só vinte e

quatro nos últimos vinte anos. E você sabe como vasculhamos essa terra. Quanto a Taim...

O nome ardia na boca; o único falso Dragão que escapara do amansamento depois de chegar às mãos das Aes Sedai. Não queria isso nas Crônicas sob seu reinado, decerto não até se decidir sobre como aquilo entraria nos registros. No momento, as Crônicas não mencionavam nada após a captura de Taim.

Passou o dedo pelas escamas do peixe.

— O homem está morto, Alviarin, do contrário já teríamos ouvido dele há muito tempo. E não estaria servindo a al'Thor. Consegue imaginar que ele aceitaria passar de suposto Dragão Renascido a *um servo* do Dragão Renascido? Pode imaginá-lo em Caemlyn sem que Davram Bashere no mínimo tente matá-lo?

Ela alisou mais depressa o peixe de marfim, lembrando que o Marechal-General de Saldaea estava em Caemlyn sob as ordens de al'Thor. *Qual* era a jogada de Tenobia? Porém, guardou tudo para si, mantendo a expressão tão serena quanto a das estatuetas.

— “Vinte e quatro” é um número perigoso para proferir em voz alta — comentou Alviarin, com um silêncio agourento. — Tão perigoso quanto “dois mil”. As Crônicas registram apenas dezesseis. A última coisa de que precisamos é que aqueles anos ressurjam. Ou que as irmãs que sabem apenas o que lhes foi contado descubram a verdade. Até as que a senhora trouxe de volta ainda mantêm o silêncio.

A Amyrlin assumiu uma expressão confusa. Até onde sabia, Alviarin só descobrira a verdade sobre aqueles anos depois de ser elevada a Curadora; porém, as coisas que a própria Elaida sabia eram mais particulares. Não que Alviarin pudesse saber disso. Pelo menos, não com certeza.

— Filha, seja lá o que venha à tona, não tenho medo. Quem vai impor uma pena a *mim*, e sob que acusação?

O comentário se aproximava muito bem da verdade, mas não parecera impressionar a Curadora em nada.

— As Crônicas registram um número de Amyrlins que foram punidas publicamente por alguma razão obscura, mas sempre me pareceu que seria assim que uma Amyrlin relataria as questões, se sua única escolha fosse...

Elaida espalmou a mão na mesa com força.

— Já chega, filha! *Eu* sou a lei da Torre! O que esteve escondido permanecerá escondido, pela mesma razão que permaneceu durante vinte anos... Pelo bem da Torre Branca. — Só então começou a sentir o hematoma surgindo na palma; ergueu a mão, revelando o peixe partido em dois. Quantos anos tinha aquela estatueta? Quinhentos? Mil? Só o que conseguiu fazer foi não estremecer de raiva. A voz obviamente se intensificou quando continuou: — Toveine vai liderar cinquenta irmãs e duzentos homens da Guarda da Torre até Caemlyn, até essa tal Torre Negra, onde vão amansar e enforcar qualquer homem capaz de canalizar, junto de quaisquer outros que encontrem com vida. — Alviarin nem piscou frente à violação da lei da Torre. Elaida dissera a verdade, como pretendia que fosse transmitida. Sendo assim, ela *era* a lei da Torre. — Inclusive, quero que também enforcem os mortos. Que sirvam de aviso para qualquer homem que pensar em tocar a Fonte Verdadeira. Mande Toveine vir me ver. Vou querer ouvir o plano dela.

— Será como a senhora ordenar, Mãe. — A resposta foi fria e plácida, como o rosto da Curadora. — No entanto, se me permite a sugestão, talvez a senhora queira reconsiderar o envio de tantas irmãs para longe da Torre. Parece que as rebeldes acharam sua oferta pouco satisfatória. Já não estão mais em Salidar; estão em marcha. Os relatórios chegaram de Altara, mas a essa altura já devem estar em Murandy. E escolheram sua própria Amyrlin. — A Curadora examinou a primeira folha da pilha de papéis, como se procurasse o nome. — Egwene al’Vere, ao que parece.

O fato de Alviarin ter esperado tanto para revelar aquela que era a informação mais importante deveria ter feito Elaida explodir de fúria. Em vez disso, a Amyrlin jogou a cabeça para trás e gargalhou. Só um domínio firme da própria dignidade evitou que batesse os pés com força no chão. A surpresa no rosto da Curadora a fez rir ainda mais intensamente, até precisar secar as lágrimas com os dedos.

— Você não viu graça — disse, quando enfim conseguiu falar, em meio às gargalhadas. — Ainda bem que você é Curadora, Alviarin, não Votante. No Salão, cega como está, em um mês as outras já a prenderiam num armário, só libertando você quando precisassem do seu voto.

— Eu vejo o bastante, Mãe. — A voz de Alviarin não saiu apaixonada; poderia até ter congelado as paredes, de tão fria. — Vejo trezentas Aes Sedai rebeldes, talvez mais, marchando até Tar Valon com um exército liderado por Gareth Bryne, reconhecido como grande capitão. Descontando os informes mais ridículos, esse exército pode somar mais de vinte mil cabeças. E, com Bryne na liderança, outros se juntarão a eles em cada aldeia e cidade por onde passarem. Não afirmo que o grupo tem a esperança de tomar a cidade, claro, mas não é nem de longe motivo para gargalhadas. O Grão-capitão Chubain deve ser encarregado de aumentar o recrutamento para a Guarda da Torre.

Elaida encarou o peixe quebrado com amargura, então se levantou e andou a passos firmes até a janela mais próxima, mantendo-se de costas para Alviarin. O palácio em construção aliviou a angústia, assim como a pequena tira de papel que ainda segurava.

Abriu um sorriso para seu futuro palácio.

— Trezentas rebeldes, sim... Mas você deveria reler o relato de Tarna. Pelo menos cem já estão a ponto de ceder.

Elaida confiava em Tarna até certo ponto; era uma Vermelha sem espaço na cabeça para bobagens e dizia que as rebeldes estavam temerosas. Ovelhas

desesperadas à procura de um pastor, dizia a mulher. Era uma bravia, claro, mas tinha bom senso. Tarna estaria de volta em breve, com um relato mais completo. Não que fosse necessário. Os planos de Elaida já estavam surtindo efeito entre as rebeldes. Mas isso era segredo.

— Tarna sempre teve muita certeza de que conseguiria convencer os outros a fazer o que estava claro que jamais fariam.

Teria havido uma ênfase naquela frase, alguma entonação significativa? Elaida decidiu ignorar. Precisava ignorar muita coisa de Alviarin, mas o dia dela ainda chegaria. E logo.

— Quanto ao exército, filha, Tarna diz que são dois ou três mil homens, no máximo. Se houvesse mais, essas rebeldes estariam exibindo seus números para nos intimidar. — Elaida achava que os olhos-e-ouvidos exageravam, para que as informações parecessem mais valiosas do que de fato eram. Só se podia confiar mesmo nas irmãs. As Vermelhas, pelo menos. Algumas. — Mas eu não me importaria se houvesse de fato vinte mil, ou cinquenta, ou cem. Você consegue sequer imaginar o porquê? — Quando ela se virou, encontrou Alviarin com o rosto composto e sereno, uma máscara sobre a ignorância ofuscante. — Você parece ter familiaridade com todos os aspectos da lei da Torre. Qual é a punição para as rebeldes?

— Para as líderes, o estancamento — respondeu Alviarin, hesitante. Ela franziu o cenho de leve, balançando minimamente as saias ao remexer os pés. Bom. Até uma Aceita sabia daquilo, e a mulher não vira sentido na pergunta de Elaida. Muito bom. — Para muitas das outras, também.

— Talvez.

As próprias líderes tinham chance de escapar desse destino, pelo menos a maioria, caso fizessem o que era certo e se entregassem. A penalidade mínima prevista em lei era o espancamento com varadas no Grande Salão, diante de todas as irmãs reunidas, seguida por pelo menos um ano e um dia de penas públicas.

Nada, porém, afirmava que a punição deveria ser aplicada toda de uma vez: um mês aqui, um mês ali, e as mulheres ainda estariam cumprindo suas penas dali a dez anos, como um lembrete constante do que acontecia a quem se opunha a Elaida. Algumas seriam estancadas, claro... *Sheriam*, algumas supostas Votantes mais notórias... mas só o suficiente para que as outras temessem dar mais passos em falso, não o bastante para enfraquecer a Torre. A Torre Branca precisava se manter íntegra, precisava estar forte. Forte e sob rédeas firmes.

— Somente um dos crimes cometidos por elas *exige* o estancamento — prosseguiu Elaida.

Alviarin abriu a boca. Já houvera outras rebeliões, mas tinham sido tão escondidas que poucas irmãs tinham conhecimento dos fatos. As Crônicas não diziam palavra, e as listas de estancadas e executadas permaneciam apenas nos registros abertos à Amyrlin, à Curadora, às Votantes e às poucas bibliotecárias que os guardavam. Mas Elaida não deu a Alviarin oportunidade de falar, apenas prosseguiu:

— Qualquer mulher que, por mentira ou falsidade, reivindique o título de Trono de Amyrlin *deve* ser estancada. Se essas rebeldes achassem que têm a menor chance de sucesso, *Sheriam* seria a Amyrlin. Talvez Lelaine, ou Carlinya, ou uma das outras. — Tarna reportara que Romanda Cassin voltara da aposentadoria. Romanda teria agarrado a estola com mãos ávidas se houvesse um décimo de chance de dar certo. — Em vez disso, escolheram uma *Aceita!*

Elaida balançou a cabeça, numa expressão sarcástica e satisfeita. Poderia citar cada palavra da lei que discorria sobre a escolha de uma mulher para ocupar o Trono de Amyrlin — afinal, ela própria fizera bom uso disso —, e nenhuma afirmava a necessidade de que a mulher fosse uma irmã plena. Era óbvio que *deveria* ser, de forma que as legisladoras nem se preocuparam em mencionar o fato, e essa tinha sido a brecha pela qual as rebeldes tinham se espremido.

— Elas sabem que não há esperança para a causa, Alviarin. Pretendem se vangloriar gritando ameaças vãs, tentando cavar alguma proteção contra as punições, para depois entregar a garota em sacrifício.

O que era uma pena. A tal al'Vere era mais um instrumento para manipular al'Thor e, quando atingisse força plena com o Poder Único, poderia ser uma das mais poderosas em mais de mil anos. Uma pena mesmo.

— Essa história de Gareth Bryne e um exército não me soam como tentativas de se vangloriar. O exército delas vai levar cinco ou seis meses para chegar a Tar Valon. Nesse meio-tempo, o Grão-capitão Chubain poderia aumentar a Guarda...

— O *exército* delas — repetiu Elaida, com desdém. Alviarin era tão idiota. Um coelhinho assustado, apesar da aparência impassível. Dali a pouco estaria repetindo as bobagens da tal Sanche sobre os Abandonados estarem à solta. Claro que ela não sabia do segredo, mas mesmo assim... — Só fazendeiros segurando lanças, açougueiros com arcos, alfaiates a cavalo! E, a cada passo, vão todos pensando nas Muralhas Reluzentes, que puseram Artur Asa-de-gavião em xeque. — Não, não um coelhinho assustado. Alviarin era uma doninha astuta. De todo modo, cedo ou tarde Elaida estaria enfeitando sua capa com a pele daquela doninha. Quisesse a Luz que fosse logo. — A cada passo do caminho, esse exército vai perder um homem, quiçá dez. Não vou achar nenhuma surpresa se as rebeldes aparecerem aqui apenas com seus Guardiões.

Gente demais sabia da cisão da Torre. Quando a rebelião fosse aplacada, claro que tudo poderia ser manipulado de modo a parecer uma manobra estratégica, uma parte da conquista de controle do jovem al'Thor. Levaria um esforço de anos e gerações antes que as memórias se esvaíssem. Cada uma das rebeldes pagaria por aquilo de joelhos.

Elaida cerrou o punho como se agarrasse todas aquelas mulheres pela garganta. Ou Alviarin.

— Eu pretendo destruí-las, filha. Elas vão se despedaçar feito melão podre. — Seu segredo garantia isso, por mais fazendeiros e alfaiates em quem Lorde Bryne se fiasse, mas a Curadora que pensasse o que quisesse. De súbito, a Previsão tomou conta dela, uma certeza que nem com imagens concretas seria tão forte. Elaida poderia saltar de um penhasco às cegas, por aquela certeza. — A Torre Branca vai recuperar a integridade, exceto pelas banidas e rejeitadas, e, unida, será mais forte que nunca. Rand al'Thor enfrentará o Trono de Amyrlin e conhecerá sua fúria. A Torre Negra será lacerada em sangue e fogo, e as irmãs caminharão por ela. Isso eu Prevejo.

Como de costume, a Previsão a deixou trêmula e ofegante. Elaida se forçou a ficar parada, ereta, respirando devagar. Jamais deixava que vissem sua fraqueza. Alviarin, no entanto... estava com os olhos arregalados como nunca, os lábios abertos como se tivesse esquecido o que ia dizer. Um papel deslizou da pilha em suas mãos e quase caiu no chão antes que ela o agarrasse. Aquilo a trouxe de volta a si. Em um piscar de olhos, a Curadora recuperou a máscara de serenidade, uma imagem perfeita da calma das Aes Sedai. Mas sem dúvida ficara balançada. Ah, muito bom. Ela que ruminasse a certeza da vitória de Elaida. Que quebrasse os dentes de tanto ruminar.

Elaida respirou fundo, sentou-se outra vez junto à escrivaninha e apoiou a estatueta quebrada de peixe num cantinho onde não tivesse que encará-lo. Era hora de tirar vantagem da vitória.

— Há trabalho a ser feito hoje, filha. A primeira mensagem deve ir à Lady Caraline Damodred...

Elaida desfiou seus planos, explicando mais do que Alviarin já sabia e revelando um pouco do que ela não sabia, pois, no fim das contas, uma Amyrlin de fato precisava operar por meio de sua Curadora, por mais que a odiasse. Sentia prazer em observar os olhos de Alviarin, observá-la imaginar o que mais ainda não saberia. Porém, enquanto Elaida ordenava, dividia e classificava o mundo entre o

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma Coroa de Espadas"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).